

## PROGRAMA DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA EM ASMA EM ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Francisco Arsego de Oliveira, Patrícias Fietz, Jamily Pertile, João Henrique Godinho Kolling e Vera Beatriz Guirland Vieira.

A asma é uma doença inflamatória crônica complexa, de alta prevalência e que acomete cerca de 10% da população brasileira. O Programa de Educação e Assistência em Asma (PEAA) é desenvolvido com pacientes do SUS na Unidade Básica de Saúde do Hospital de Clínicas de Porto Alegre desde 2008 como uma ação de extensão universitária integrando alunos do curso de medicina da UFRGS a uma equipe de Atenção Primária à Saúde como estratégia de controle efetivo do problema no nível populacional. Os estudantes, com supervisão, realizam consultas individuais com os pacientes portadores de asma e seus familiares. Além disso, são desenvolvidas atividades educativas, estabelecidos planos terapêuticos e registradas as informações num banco de dados único e, por fim, são dispensados os medicamentos para o tratamento da doença. Os estudantes também são envolvidos em seminários teóricos e em projetos de pesquisa associados. Em 2016, por exemplo, foi feita uma análise retrospectiva dos dados de pacientes que consultaram pelo menos uma vez nos dois últimos anos. O controle da asma foi avaliado a partir dos escores do *Asthma Control Test* (ACT), um questionário de cinco perguntas simples que mede o grau de controle da doença, num máximo de 25 pontos. Para análise da variação do escore total do ACT entre a primeira e a última consulta usou-se o teste *t* de Student para amostras pareadas. Outros fatores de controle da asma analisados comparativamente foram: técnica inalatória e uso de corticoide inalatório (CEI, considerado um padrão de qualidade). Os resultados mostraram que 90 pacientes foram atendidos em primeira consulta. Destes, 68% eram mulheres, 53% adultos (20 anos ou mais), 69% tinham rinite, 77% com história familiar de asma e 11% eram tabagistas ativos. Na primeira consulta, 86% dos pacientes apresentavam dispneia como principal queixa relacionada à asma, apenas 20% foram considerados com asma controlada, 50% faziam uso de CEI e 65% realizavam a técnica inalatória corretamente. Já na consulta de “alta”, 85% estavam controlados, 70% faziam uso de CEI e 89% realizavam a técnica inalatória corretamente. A diferença da média dos escores do ACT entre a primeira e a última consulta para cada questionário foi de: 0,67 para frequência de dispneia, 0,69 para despertares noturnos, 0,27 para uso da medicação de alívio e 0,57 para limitações de trabalho, escola ou em casa e 0,65 para autoavaliação do controle da asma. A variação da média do escore total do ACT foi significativa ( $p < 0,001$ ) e aumentou 3,36 pontos. Como conclusão, observamos que as ações desenvolvidas pelos estudantes mostraram-se efetivas no aumento do escore total do ACT e, portanto, num melhor controle da asma. Além disso, observamos redução nos relatos de sintomas e de limitações na realização de atividades diárias, sugerindo melhora na qualidade de vida desses pacientes. Apesar de 80% dos pacientes apresentarem asma não controlada na primeira consulta, mesmo assim nem todos retornaram para uma segunda consulta, sugerindo que a adesão ao processo educacional deve ser aperfeiçoada, com a busca por métodos alternativos para manter o vínculo desses pacientes ao PEAA.

Descritores: Asma; Atenção Primária à Saúde; Educação e Saúde.